

CARDOSO PIRES

A LEITURA DE PORTUGAL

MACKSEN LUIZ

Journal do Brasil, 23/7/71

É raro um escritor português de geração mais jovem nos visitar. José Cardoso Pires está no Brasil para o lançamento de seu romance *O Delfim*, o primeiro de uma série que a Editôra Civilização Brasileira espera lançar. Inquieto, extremamente preocupado com o movimento cultural de seu país, Cardoso Pires lançou a pergunta: quem é o português? Na busca da resposta, fez sua obra

A visita de José Cardoso Pires ao Brasil abre perspectivas bem maiores do que o simples lançamento de seu livro *O Delfim*. A falta de comunicação cultural entre Brasil e Portugal reduz nosso conhecimento de literatura portuguesa a dois, no máximo três, escritores. Agora que a Editôra Civilização Brasileira inaugura sua Coleção Caravelas (literatura portuguesa em edições brasileiras) com o título de José Cardoso Pires, o mercado editorial nada mais faz que reconhecer uma falha.

José Cardoso, como todo português, é um homem afável que aparenta menos 10 anos do que sua idade real (45 anos), meio reservado e extremamente cauteloso. Nada diz que seja supérfluo ao raciocínio, ainda que não consiga fugir ao excesso de loquacidade do português. Mas seus dois anos em Londres — foi professor de Literatura do King's College da Universidade de Londres — lhe deram uma postura intelectual de rigor analítico. Estar no Rio representa uma volta de oito anos nas suas vivências. Por isso seu entusiasmo pela cidade é franco e nada camuflado.

— Andei de Ipanema até ao Leme. Foi quase uma redescoberta da cidade depois de tanto tempo. Gosto muito do Rio, que sempre me lembra aquela canção da Nara que diz que "mas que nunca é preciso cantar." Esta é uma cidade que continua a cantar, é um lugar espontaneamente alegre. Mas tem, por outro lado, uma palidez sombria que se prolonga sem interferir no clima de amabilidade que a envolve. Nunca conheci uma cidade tão atlântica quanto o Rio. Lisboa, Cap Town também o são, mas em nenhuma delas sinto esta sensação de estar dentro de um navio como aqui.

A insinuação de dados biográficos, José Cardoso Pires logo se retrai. É uma pessoa de hábitos simples, como as histórias que conta, casado e que adora Barcelona.

— Tenho dificuldade em falar sobre isto. Embora fosse até agora professor de Literatura em Londres e esteja habituado a dar aulas, mas é sempre mais fácil falar dos outros do que de nós mesmos. Prefiro ser provocado por perguntas. Estou com 45 anos, quero viver unicamente dos meus livros. Por isso deixei de lecionar. Por outro lado, Londres era uma cidade de que muito gostava, mas que agora começa a perder seu encanto.

E' quando fala de Barcelona que José Cardoso Pires começa a revelar o escritor.

A trajetória

O clima estimulante de criação de Barcelona e mais a liga-

ção familiar com a Espanha colocam a cidade quase que como um símbolo da criatividade não colonizada.

— Pertencem a uma corrente na literatura que reagiu às tradições, as piores que existem, da cultura francesa. De cultura extremamente formalista e burguesa, a França nos deixou uma restrita liberdade de movimentos. Portugal, a exemplo de outros países, herdou o que de menos estimulante havia na cultura francesa. Em 1945, quando alguns escritores jovens reuniram-se quase em um manifesto, tivemos uma luta bastante grande contra o naturalismo novecentista de um Eça de Queirós. Afirmei, por esta época, que gostava mais de Machado de Assis do que de Eça, para grande escândalo. Prefiro Machado como forma pois seu estilo é mais *ad libitum* do que o de Eça, ainda que este tenha uma temática mais rica.

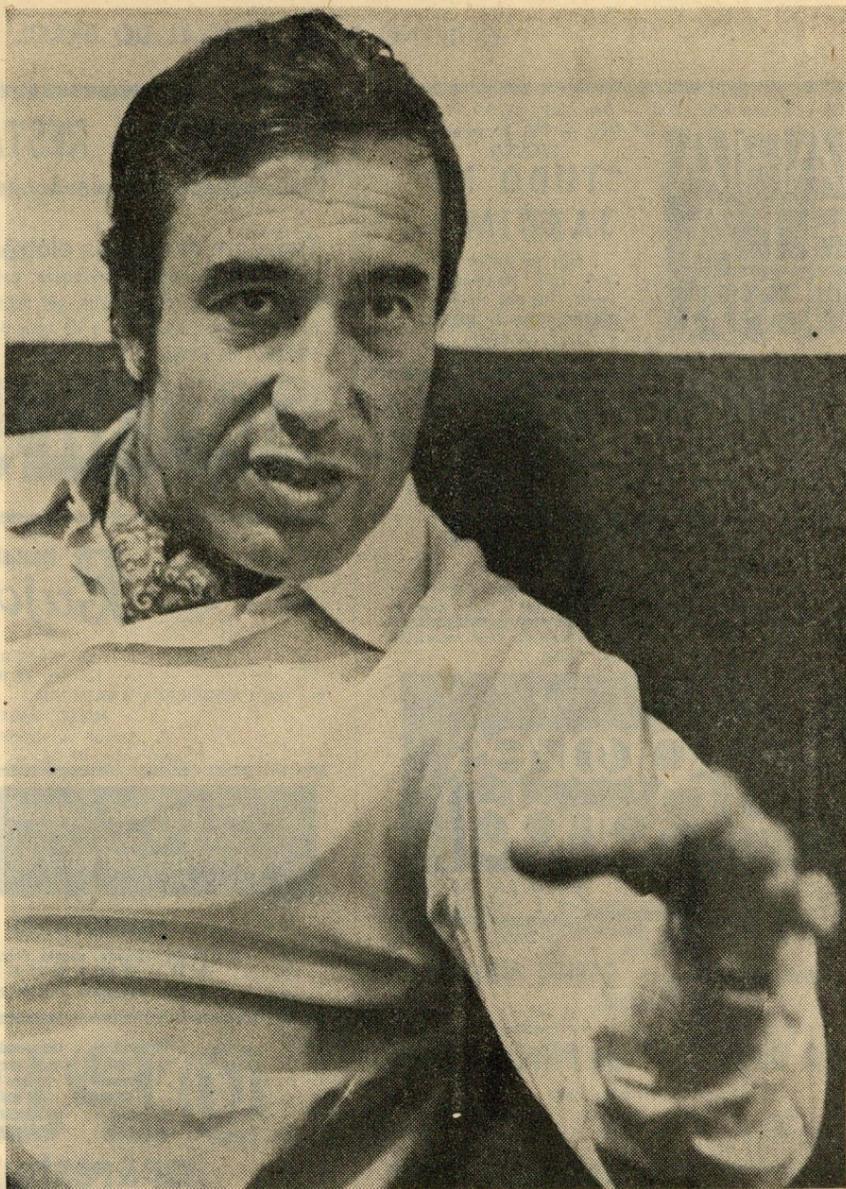
Por uma filiação e procura das raízes portuguesas, a revista francesa *L'Express* atribuiu a José Cardoso Pires a criação de um estilo a que a revista deu o nome de "portugalidade." Cardoso Pires não reconhece a expressão e muito menos o estilo.

— A geração de escritores a qual pertencem está impregnada de uma filosofia chamada "filosofia portuguesa", integralista, representada por Coimbra. Como reação a esta filosofia há uma geração de escritores *engagés*, neo-realistas. Todos nós viemos destes dois grandes troncos. Foi preciso muito cuidado para que o neo-realismo português não caísse no romantismo. E quanto ao que a revista me atribuiu, isto é lá nomenclatura dela.

Mas a verdade é que, mesmo sem o querer, Cardoso Pires pode ser um representante desta "portugalidade." A evolução de seus livros só o provam. O primeiro deles, *Os Caminheiros e Outros Contos*, não encontrou ninguém que o quisesse editar. Prova de que violava certos padrões. Com a ajuda de amigos, conseguiu publicá-lo.

— Foi difícil a edição de *Caminheiros* por ser um livro radicalmente contra a tradição francesa. Estava mais ligado a uma certa literatura norte-americana. Por muitas razões, este é um livro que não quis que fosse reeditado. Uma discreta experiência surrealista, que nunca o atingiu, foi apenas o estágio que mostrou que "o surrealismo não é uma corrente, não é coisa nenhuma, é somente uma atitude perante a vida."

— A viagem episódica ao mundo surrealista teve a vantagem de nos treinar dentro de



A visita de Cardoso Pires tem dupla função: lançar seu livro *O Delfim* e abrir o mercado brasileiro para a literatura portuguesa

uma certa liberdade interior, na expressão formal e em tudo mais. Em todo caso, foi uma ruptura com aquela literatura de Vossa Excelência, tão comum em Portugal.

A chegada

O Delfim é um romance que fala de um Portugal que acaba. O dos grandes senhores aristocráticos de base rural. Cheio de caminhos insinuados, é um romance construído com detalhes e rigor, numa pesquisa clara de forma.

— Portugal é um país que vive de abstrações. Quando um indivíduo não tem capacidade de se reconhecer nas atitudes que pratica, desenvolve a tendência em criar uma carapaça, mitomaniza sua vida. Cria, como defesa, uma imagem falsa de si. A mitomania é realmente típica de toda uma geração de Portugal. Por isto quis dar neste livro a imagem deste problema. A própria estrutura do livro é partida. O que desejo é que o leitor, ao chegar ao final, se pergunte: "Isto é grave? Isto é mentira? Onde estou?". Tudo fica um pouco flutuante, sem respostas definitivas, como a realidade. Não há propriamente uma história, no sentido tradicional da narrativa. Para alguns pode ser uma simples história policial. *O Delfim* é um livro de insônia.

Antes da publicação de *O Delfim*, Cardoso Pires escreveu *Cartilha de Marialva* e *Hóspede de Jó*, dois romances feitos num momento psicológico muito especial. Cardoso Pires estava cansado do ambiente que o cercava, vivia como que esmagado pelas condições. O convite de Londres chegou-lhe no momento em que acabava de publicar *O Delfim*, hoje na 4a. edição portuguesa.

— É evidente que fui para Londres porque estava cansado psicologicamente do meu ambiente. Escrever é uma atividade muito dependente da temperatura ambiente. Todo e qualquer condicionamento (dinheiro, política, as próprias autocensuras) criam terríveis inibições. O que é grave. Penso que o escritor não é só o homem que faz uma obra, é o homem em dimensão mais vasta.

Com desalento, algum desânimo e incorrigível esperança, Cardoso Pires, de rosto grave e fala um pouco mais pausada, traça o panorama da literatura portuguesa de hoje. Sua visão, ainda que pessimista, inclui a certeza da vitalidade.

— Portugal não conseguiu formar outra geração além da minha. Sobretudo na prosa. Há Almeida de Faria, um jovem de 25 anos, mas que no fundo nada deve a nossa geração. Os jovens vivem sobre a égide da censura em todos os níveis. Quando abrem-se concursos literários, não surge nenhum nome. Na poesia ainda há um certo alento. Mas pouco.

O problema, segundo Cardoso Pires, não é exclusivo de Portugal. Outros países, em estágios diferentes de desenvolvimento, como a França, a Inglaterra, Itália e Alemanha, não têm revelado grandes nomes.

— Esses são países de grande consumo literário e, no entanto, não apareceu ninguém que se destacasse. A França, por exemplo, é uma miséria em matéria de ficção. Mesmo assim Portugal tem uma literatura extremamente variada, ainda que não renovada. Alves Redol, por exemplo, é um nome importante com uma produção irregular de qualidade. Aquilino Ribeiro, destaque em sua geração, é infinitamente superior a Lampedusa de *Il Gattopardo*. Escreveu um romance que trata do mesmo tema e com muito mais profundidade. Fernando Namora é conhecido de vocês brasileiros. Carlos Oliveira possui uma qualidade formal muito sóbria. Júlio Ferreira sofre influência de Malraux e carrega bastante na dose mística. Augusto Abelaira tem sua obra construída, de modo que cada livro está muito ligado ao anterior. Porém é um romancista com estrutura técnica muito pessoal. Seu livro mais significativo é *A Cidade das Flores*. Almeida Faria é jovem (30 anos), numa linha de inspiração faulkneriana. Luís Pacheco é uma espécie de Jean Gênet português, um sujeito cheio de interesse, mas com obra pequena. É um aventureiro das letras, cheio de originalidade e anarquismo interior.